

REVISTA DA SOCIEDADE FILOMÁTICA: A FRANÇA NO  
ITINERÁRIO DA NOSSA MATURIDADE

---

GILBERTO PINHEIRO PASSOS (USP)

---

Inglório destino o da **Revista da Sociedade Filomática**<sup>1</sup>! Publicada em 1833, três anos antes do lançamento oficial do Romantismo brasileiro, e logo relegada ao esquecimento, só veio a ser resgatada, no seu todo, em 1977, graças a pesquisas de Ana Maria de Almeida Camargo e ao interesse em publicá-la de José Mindlin.

Foram cento e quarenta e quatro anos de desconhecimento parcial por parte da crítica, que dela só podia dar conta através do que constava do primeiro e segundo números e, ainda assim, do primeiro só o sumário e um excerto da Introdução, transcrito por Affonso de Freitas<sup>2</sup>.

Composta de seis números, publicados de julho a dezembro, e dependente de assinaturas e vendas avulsas, a **RSF** pouca ou quase nenhuma acolhida encontrou junto ao público, embora, hoje, autores como Alfredo Bosi, a considerem uma das importantes publicações dos primórdios do Romantismo brasileiro<sup>3</sup>.

Representava ela, na verdade, o pensamento de uma pequena agremiação de professores e alunos da recém-fundada Faculdade de Direito de São Paulo, a Sociedade Filomática. Baseados no ideal de unir conhecimentos para o bem comum, tal como o das outras sociedades filomáticas de largo curso na Europa, nossos acadêmicos decidiram aliar o entusiasmo que sentiam com a Independência política, ao desejo de promover o desenvolvimento cultural do Brasil, colocando nosso país em condições de absorver o que se passava em núcleos mais desenvolvidos, propondo sugestões e desenvolvendo idéias científicas e literárias.

Sua mola propulsora era, portanto, o nacionalismo e sua constante, a consciência do atraso em que se encontrava o Brasil. Era preciso fazer com que o país ocupasse o lugar merecido no cenário internacional, uma vez que a liberdade política já fora alcançada;urgia, portanto, dotar o país de instrumental básico para a execução de tal tarefa, numa resposta brasileira aos ideais democratizantes da primeira metade do século XIX.

Daí o papel preponderante conferido às comissões criadas pelos filomáticos, as quais tinham função crítica, julgando os trabalhos apresentados pelos membros e propondo correções. Deveriam ser rigorosas as manifestações judicantes das comissões, a julgar pelo depoimento de um de seus membros, João Salomé Queiroga:

Eu que presenciava a desapiedada análise que fazíamos às produções dos outros sócios, intimidava-me, e nunca animei-me (sic) a publicar as minhas, bem que uma ou outra cantiga, que a curiosidade deles surpreendeu, merecesse sua aprovação.<sup>4</sup>

No início, pretendiam manter certo equilíbrio entre as seções destinadas às ciências e à literatura, mas a partir do segundo número a rubrica literária toma conta, quase que integralmente, da publicação, o que faz supor maior afinidade dos articulistas com a matéria em questão e, ao mesmo tempo, corrobora a observação de Couto Maçalhães, segundo a qual:

"A Sociedade Filomática teve como conseqüência desenvolver o entusiasmo pela glória literária, pôr em relevo alguns talentos verdadeiros, e pre

parar<sup>5</sup> para a vida da imprensa essa primeira mocidade".

Agora que examinamos a formação do grêmio estudantil e de sua revista, resta-nos saber quanto houve de inspiração estrangeira imediata na criação da **RSF**, uma vez que a época era pródiga em manifestações desse tipo, mas a produção brasileira era escassa. Era preciso, portanto, buscar no exterior inspiração para empreender a alta tarefa que se propunha. Convém, não esquecer, por outro lado, que estudantes e professores tinham, em muitos casos, feito seus estudos em universidades européias e o mais importante dos colaboradores da revista - Justiniano José da Rocha - acabara de chegar de Paris, onde estudara.

A formação dos filomáticos predispunha, portanto, ao modelo estrangeiro e é na **Revue Encyclopédique**, fundada em 1777 e editada por H. Carnot e P. Leroux que vão buscar artigos, inspiração e epígrafe. Esta é o curioso resultado do truncamento de uma passagem de um artigo de Adélaïde Montgolfier, operosa tradutora e autora de livros infantis, que se ocupava da re-  
censão crítica de obras inglesas. Vejamos a epígrafe da **RSF**:

"Tout homme qui s'efforce consciencieusement d'éclairer les hommes dans l'étude d'eux-mêmes, a droit aux égards, et à la reconnaissance de tous; il aura fait marcher l'humanité"<sup>6</sup>

Mais importante que o fato de truncarem o texto original é o fato de o manterem em língua francesa, dando à epígrafe o tom de um mandamento ao qual se obedece por dever, por vocação e por eleição; a escolha do modelo francês já estava desde então traçado e só nos resta delineá-lo mais claramente.

Para tanto, convém lembrar o papel formador da cultura francesa, não só no campo literário, mas também no científico: bibliotecas públicas e particulares, epígrafes e citações de periódicos da época nos mergulham de imediato num clima de frequente assimilação de idéias francesas, sobretudo após a Revolução Francesa e as invasões napoleônicas que vieram acrescentar dos políticos liberais aos influxos literários que nos chegavam em grande quantidade, desde o século XVIII. Estávamos, de certo modo, seguindo as pegadas portuguesas, pois já na antiga Metrô-

pole a influência francesa era considerável, uma vez que representava a reação modernizadora contra o atraso cultural em que estava mergulhado o país, vítima da intolerância e fanatismo da Contra-Reforma.

A França lhes servirá de guia e, no campo filosófico farão profissão de fé do Ecletismo, corrente de grande força representada por Cousin e Jouffroy. Tal modelo de pensamento, conciliador e inimigo de excessos vai balizar a visão literária dos rapazes da **RSF**: não convinha esquecer o passado, nem menosprezar o futuro.

O passado literário certo e seguro era representado pela tradição neoclássica, que tinha em Corneille, Racine e Voltaire seus gênios tutelares. Ora, o Romantismo nascente era visto com muitas reservas, dado o seu caráter demolidor e iconoclasta:

"Em Literatura nossos princípios serão os da razão, e do bom gosto, combinados com o espírito, e necessidades do século: tão longe estaremos do **Romantismo** frenético como da servil **imitação** dos antigos".<sup>7</sup>

Terçando armas em favor de um passado que lhes parecia pleno de lições e modelos, apresentam traduções de Parny, Bitaubé e, inclusive, um soneto contendo uma imitação de Scarron. Não ficam apenas nisso os jovens neoclássicos brasileiros: em um poema didático e dois artigos sobre poesia contemporânea<sup>8</sup>, os nomes de Boileau (por seu tirocínio crítico) e Voltaire (pela excelência de suas obras críticas e poéticas) surgem como patronos dos futuros autores brasileiros.

A literatura brasileira futura deveria, por outro lado, cultivar a arte dramática, sobretudo a tragédia, na visão dos acadêmicos de São Paulo. Em alentado ensaio, que ocupa mais de um terço da revista, uma comissão, formada para divulgar as regras da arte trágica, traça um panorama da arte teatral<sup>9</sup>, apontando como ápice do gênero a tríade formada por Corneille, Racine e Voltaire. A admiração sem limites chega às raias do inusitado, com afirmações hiperbólicas, em que tudo parece concorrer, na história da tragédia, para o engrandecimento da França:

"Já não é pequena honra para Sêneca o ter de alguma maneira concorrido para a perfeição dessa obra-prima do século dezessete".(Fedra de Racine)10

"A maior glória do teatro espanhol é ter fornecido a Corneille o assunto do Cid"11

"Em uma palavra, em vossos dramas pensei como Corneille, escrevi como Racine, movei como Voltaire!"12

À primeira vista, poder-se-á pensar que não há mais como elogiar a nenhum deles; os jovens autores ensaio, no entanto, foram extremamente pródigos em louvores a um deles, Voltaire:

"...Voltaire em qualquer gênero, quer nos assuntos mitológicos, quer nos de pura fantasia, é sempre Voltaire: estas reflexões o fazem considerar quase geralmente como o gênio o mais trágico, que tem reinado sobre a Cena"13

Tais afirmações acabam por desembocar em pura idolatria, o que se confirma na retumbante frase que, fidedignamente, retrata a imagem voltaireana, na concepção dos jovens acadêmicos:

"... Voltaire possuía tudo quanto é necessário para a formação de um ente sem igual, e ele o foi, foi o primeiro dos seres pensantes"14

O leitor de hoje poderá se espantar com tal idolatria, que só uma visão histórica nos explica: o patriarca de Ferney simbolizava, na época, a criação artística ligada aos embates políticos e sociais. Ora, o Brasil precisava de paradigmas que espelhassem idéias modernas, anti-absolutistas e, ao mesmo tempo, fossem do mais alto grau artístico. É o caso de Voltaire e de seus seguidores (como Marmontel e La Harpe, críticos franceses) cujas opiniões e preceitos tinham força de lei junto aos articulistas da *RSF*.

Tal visão neoclássica vai de par com a negação peremptória do Romantismo nascente, "frenético", no qual imperavam o vago, o impreciso, o desrespeito às regras e modelos, numa palavra, à hierarquia da tradição, que não prescindia do esforço conjunto, representado, na França, pela Academia.

Não é por acaso, portanto, que autores como Diderot, Schlegel e Lessing são tidos como influências nefastas, assim como

Madame de Staël, culpada de ter se prostrado ante os "ídolos góticos do estrangeiro"<sup>15</sup>. O Romantismo vinha, de certo modo, impedir, com suas idéias renovadoras, a alta missão que se tinham proposto os jovens: unir o progresso literário e cultural brasileiro ao Neoclassicismo francês, o que se constituía numa contradição histórica que os anos souberam delinear com precisão.

No entanto, a **RSF** soube ser profética, num aspecto: ao trazer o prefácio de **Jakaré-Ouassou**<sup>16</sup>, romance "indianista", na linha de **Os maxacalis** de Ferdinand Denis, faz prevalecer, mais uma vez, o critério do nacionalismo, como basilar na formulação de seu pensamento; afinal de contas, tratava-se de um romance estrangeiro - sobretudo francês - que valorizava a natureza e os selvagens brasileiros como matéria ficcional. Ora, ao estabelecer a junção nacionalismo/natureza brasileira/tema indígena, estava, sem o saber, dando a receita do que seria uma de nossas manifestações mais frutíferas, no Romantismo: o Indianismo.

Por tudo que vimos, podemos estabelecer o grande paradoxo que a **RSF** contém em seu pensamento: de um lado a pretensão renovadora, de outro o reacionarismo literário contido na defesa intransigente das idéias do século XVIII, o que, sem dúvida, contribuiu de forma decisiva para a pouca aceitação da revista junto ao público, que, indubitavelmente, já tivera algum contato com os novos ares românticos. A publicação de **Suspiros poéticos e saudades**, três anos depois, só viria a confirmar o caráter anacrônico das postulações da **RSF**.

Por outro lado, o nacionalismo que perfilhava se apresentava eivado de galomania, o que, à primeira vista, pode estar preso a uma contradição inequívoca. No entanto, sabe-se que o nacionalismo da época se construía com o apoio de várias matrizes, entre elas o anti-lusitanismo. A França, pelo fato de cumprir um papel de país libertador, surge como um porto seguro, moderno, depois da ascensão ao trono de Luís Filipe; trata-se, ao mesmo tempo, de consagrar a **modernidade** política francesa e de encarecer a necessidade de estabilidade e progresso, características da dominação burguesa assente e já incontrastável.

Espelhar-se na França constituía uma fase necessária ao

desenvolvimento de nossa literatura que, posteriormente, produziria obras de valor e alcance internacionais, o que se coadunava com a visão política nacionalista de um país que emergia como nação liberta e soberana. A galomania era necessária, mas transitória; uma das provas disso é o fato de um dos poemas enfeixados na **RSF**, de nome "A Paz", ao tratar de nossa dramaturgia, apontar como meta a ser atingida "fazer corar Francos e Gregos"<sup>17</sup>, ou seja, criar obras que representassem o estágio final de nossa qualidade literária, uma vez assimilados e ultrapassados os modelos.

Tal perspectiva, embora ingênua, não deixa de ser uma tentativa crucial de fazer com que o país se integrasse na larga tradição ocidental literária. Os jovens filomáticos, embora anacrônicos, em suas concepções, estavam persuadidos de que contribuições literárias haveriam de advir, em decorrência de tal integração. O isolacionismo em Literatura lhes parecia, mais do que nunca, resultado de um obscurantismo indesejável.

O mais inglório, no que diz respeito à contribuição da **RSF**, foi não ter ela se dado conta de que exatamente o mais novo, o mais frutífero, era o que só tangencialmente anunciavam ao país e - ainda uma vez - por meio da literatura francesa: o tema indianista, floração de um movimento, o Romantismo, que a todo custo nossos jovens queriam evitar.

#### NOTAS

<sup>1</sup>SOCIEDADE FILOMÁTICA. **Revista da Sociedade Filomática**. São Paulo, Tipografia do Novo Farol Paulistano, 1833, 6v. (edição fac-similar de Metal Leve, São Paulo, 1977), doravante designada **RSF**.

<sup>2</sup>FREITAS, Affonso A. de. "A imprensa periódica de São Paulo". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. São Paulo, 1914, XIX, p.382.

<sup>3</sup>Cf. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1970, p.171.

<sup>4</sup>QUEIROGA, João Salomé. "Prólogo" ao **Canhenho de poesias brasileiras** in CASTELLO, José Aderaldo (org.). **Textos que interessam à história do Romantismo**. São Paulo, 1960, Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, p.31.

- <sup>5</sup> COUTO DE MAGALHÃES, J.V. "Introdução" in VALLE, Paulo Antonio do (org.). **Parnaso acadêmico paulistano**. São Paulo, Tipografia do "Correio Paulistano", 1861, p.7.
- <sup>6</sup> **RSF**, p.2.
- <sup>7</sup> **RSF**, p.16.
- <sup>8</sup> ANÔNIMO. "Epístola ao Sr. J.B. Montauray-- sobre as dificuldades e devido emprego da Poesia", p.85-90; ANÔNIMO. "Vista d'olhos sobre a poesia portuguesa desde os últimos anos do século 18, e em particular sobre o **Poema-Camões** geralmente atribuído ao Sr. Garret (sic)", p.36-47; ROCHA, Justiniano José da. "Ensaio crítico sobre a Coleção de Poesias do Sr. D.J.G. Magalhães", p.47-57.
- <sup>9</sup> RIBEIRO, Francisco Bernardino & ROCHA, Justiniano José da & QUEIROGA, Antônio Augusto de. "Ensaio sobre a tragédia", p.66-85, 99-120, 131 (sic)-148 e 169-194.
- <sup>10</sup> **RSF**, p.113.
- <sup>11</sup> **RSF**, p.117.
- <sup>12</sup> **RSF**, p.184.
- <sup>13</sup> **RSF**, p.135 (sic)-136.
- <sup>14</sup> **RSF**, p.134 (sic).
- <sup>15</sup> **RSF**, p.140.
- <sup>16</sup> Obra publicada em 1830, por Daniel Gavet & Philippe Boucher. Situa-se na época do donatário Francisco Pereira Coutinho, avido por dinheiro, valente e sanguinário, que trava luta com os tupinambás, os quais têm como heróis Caramuru, Tamandua e Jakarê-Ouassou.

